

Transposição de arte pictórica de Jan Luyken em *Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans

*Transposition of pictorial art Jan Luyken in Às avessas,
by Joris-Karl Huysmans*

Elenara Walter Quinhones
Anselmo Peres Alós
UFSM

Resumo: este artigo tem por finalidade discutir a relação entre a arte pictórica e a literatura na obra *A rebours* (1884), de Joris-Karl Huysmans. Essa relação em *Às avessas* (tradução para o português) é possível através da descrição das gravuras denominadas *Perseguições religiosas* (1685), de Jan Luyken. Além da transposição da arte de Luyken, observa-se também a história do gravurista holandês, consoante ao gosto de Huysmans ao criar uma obra em que abrangesse a arte, a ciência e a história. *Às avessas* situa-se como marco na literatura francesa ao romper com os padrões literários naturalistas.

Palavras-chave: *Às avessas*. *Perseguições religiosas*. Joris-Karl Huysmans. Jan Luyken. Transposição de arte.

Abstract: *this article aims at discussing the relationship between pictorial art and literature in the novel A rebours (1884) by Joris-Karl Huysmans. When it comes to Against the Grain (translation in english) it is possible to identify the prints called Religious Persecutions (1685), by Jan Luyken. Besides the transposition of art Luyken, we can observe the history of dutch printmaker, too depending on the taste of Huysmans to create the novel in covering the art, science and history. Às avessas sets as position in french literature at the break with the naturalistic literary standards.*

Keywords: *Against the Grain. Religious Persecutions. Joris-Karl Huysmans. Jan Luyken. Transposition of art.*

Em fins do século XIX, quando “desabrocha a modernidade baudelairiana” (Moretto, 1989, p. 14), o movimento decadentista desponta na França, como contraposição ao Naturalismo. Diferente da corrente cientificista, em que o gosto pela realidade era evidenciado, o decadentismo via no ilusório, ou no artificial, a evasão do realismo naturalista. Nesta corrente

estética, iniciada por Charles Baudelaire com *Les Fleurs du mal* (1857), principalmente no soneto “Correspondências”, houve uma intensa divulgação da obra musical de Wagner, pois os decadentes viam nela a propagação de lendas nórdicas e celtas que evidenciavam o mistério, o misticismo e o sonho, tão caros à sua concepção de arte (Moretto, 1989, p. 20). Para os decadentistas a sensibilidade estética emerge do inconsciente e as obras literárias e artísticas são carregadas de elementos insólitos, fantásticos, sobrenaturais e até demoníacos, sempre contrariando a razão.

Os estetas decadentes possuem um anticonformismo extremo, são apreciadores da arte e donos de um espírito excêntrico, que geralmente leva-os ao individualismo exagerado (*mal du siècle*), opondo-se à burguesia e ao povo. Segundo Fulvia Moretto, o decadentismo é:

[...] um movimento de alto valor artístico que deseja valorizar, com beleza de “sol poente”, a consciência da finitude das coisas. Isto será feito através da evasão histórica para a arte e a literatura da decadência latina em todo o seu esplendor, para a arte heráldica de Bizâncio, que irão alimentar o imaginário decadentista, como se o preciosismo da escritura e da pintura pudesse salvar um mundo que morre (MORETTO, 1989, p. 33).

Diversos artistas, poetas e escritores tiveram destaque no movimento decadentista, como a prosa ficcional de Edgar Allan Poe e Gustave Flaubert, o lirismo de Paul Verlaine, com seu célebre axioma “eu sou o império no fim da decadência” e Stéphane Mallarmé, entre outros. Na arte pictórica, destaca-se, principalmente, Gustave Moreau e Odilon Redon. Mas a obra emblemática do decadentismo, considerada a “bíblia decadentista”, foi *A rebours* (1884), de Joris-Karl Huysmans.

A obra *Às avessas*¹, de Huysmans, quebrou diversos paradigmas literários do romance francês ao romper com o cânone de sua época. Discípulo de Émile Zola, desagradou profundamente seu mestre ao publicá-la, pois a obra contrariava os princípios naturalistas da escola de Zola (Paes, 1987, p. 8). *Às avessas* não segue uma linearidade regular e não possui caráter romanesco, pois não há trama e a narrativa é predominantemente descritiva, assemelhando-se mais a um catálogo de arte, música e literatura, ao gosto de sua única personagem, o duque Jean Floressas Des Esseintes. Segundo José Paulo Paes, “[a] intromissão sistemática da erudição, em prejuízo da intriga, se deixa ver no tom por assim dizer eminentemente ensaístico de *Às avessas*” (Huysmans, p. 21). Para Huysmans, “o romance, tal como ele [Zola] o concebia, me parecia estar

¹ Este artigo utilizará a tradução de *A rebours* (*Às avessas*) feita por José Paulo Paes, conforme referências bibliográficas indicadas na última página.

morto, gasto pelas repetições, sem mais interesse” (Huysmans, 1903, p. 268). Huysmans almejava inovar, sobre isso ele afirma:

[...] o desejo que me tomava de sacudir os preconceitos, de romper os limites do romance, de nele introduzir a arte, a ciência, a história, de não mais usar essa forma, numa palavra, senão como um quadro onde inserir labores mais sérios. A mim, era isso que me preocupava nessa época, suprimir a intriga tradicional, inclusive a paixão, a mulher, concentrar o feixe de luz num único personagem, realizar o novo a qualquer preço (HUYSMANS, 1903, p. 268).

Certamente Huysmans conseguira realizar seu desejo, pois, para José Paulo Paes,

Cada um dos seus capítulos [de *Às avessas*] é uma monografia acerca de assuntos tão variados quanto a psicologia das cores, a filosofia do mobiliário, a literatura latina, as pedras preciosas, as flores exóticas, a semiótica dos perfumes, a literatura francesa moderna, a musicalidade religiosa, etc (PAES, 1987, p. 21).

O propósito de Huysmans é facilmente observado nas críticas literárias que Des Esseintes profere e nas apreciações culturais da personagem. Percebe-se, na obra, a exaltação de Baudelaire, Mallarmé, Gustave Moreau e Odilon Redon, em clara alusão à decadência.

A vida do dândi solitário Jean Floressas Des Esseintes reflete o pensamento decadentista em que a arte e a literatura eram a fuga possível de uma sociedade finesse secular medíocre e parva. O herói de *Às avessas* abandona a realidade exterior e desloca-se para sua realidade interior. A personagem de *Às avessas*, aos trinta anos, é o último membro de uma família aristocrática francesa. Entediado com a superficialidade dos gostos e dos modos burgueses, retira-se de Paris e refugia-se em uma casa nos altos de Fontenay-aux-Roses. Ali, todos os cômodos são ambientados para estimular-lhe as sensações mais prazerosas e profundas. Des Esseintes criara para si um mundo onírico no qual há um misto de luxo e extravagância. Todos os objetos são meticulosamente escolhidos para deleitar seu refinado gosto. O protagonista recriara artificialmente em sua casa os elementos naturais, utilizando inúmeros recursos tecnológicos e químicos. Alguns ambientes de seu lar são inspirados na *Art Nouveau*, tão em voga na época. Segundo Umberto Eco,

Para fugir da natureza e da vida, Des Esseintes se faz praticamente murar em uma mansão decorada com tecidos orientais, tapeçarias de sabor litúrgico, reposteiros e madeiras que fingem a frieza monástica com materiais suntuosos. [...] constrói, em suma, uma vida de sensações artificiais em um ambiente igualmente artificial no qual a natureza, mais do que ser recriada, como acontece na obra de arte, é imitada e negada a um só tempo, refeita, lânguida, estranhada, doente... (ECO, 2004, p. 341).

A erudição de Des Esseintes é atribuída à educação que recebera em um colégio jesuíta, pois ainda na juventude já era afeito aos livros e ao latim. Sua aparência física é frágil, efeminada e doentia, refletindo a nevrose (atual neurose) que dele se apodera. Em seu refúgio artificial, ele devaneia em situações cruentas que beiram ao ridículo de seu passado, perde-se em conjecturas eruditas, ou demora-se em avaliações sobre a decoração. Percebe-se em Des Esseintes uma apreciação mórbida por produções literárias e picturais que possuam um caráter decadente, enfatizando temáticas subversivas, sádicas e diabólicas.

Os sentimentos de Des Esseintes aparecem em intenso conflito e carregados pelo tédio. Por exemplo, ao mesmo tempo em que ele encontrara alento nas lembranças de seus mestres eclesiásticos, percebe-se cético aos valores apregoados pelo catolicismo. Sobre essa ambiguidade de sentimentos e gostos experimentados por Des Esseintes, José Paulo Paes afirma:

[...] ela se traduz sobretudo numa sobre-excitação, acoroça os gostos de des Esseintes por “histerias eruditas, pesadelos complicados, visões lânguidas e atrozes”, e esse gosto baudelairiano do malsão, do perverso, da *charogne*, seus olhos o vão satisfazer na arte fantástica e antecipadoramente surrealista de gravadores como o Holandês Luyken, o espanhol Goya e o francês Redon, cujas obras lhe ornaram o gabinete de trabalho (PAES, 1987, p. 13).

Transposição de arte em *As avessas*

A transposição de arte encontrada em *As avessas* permite “o acesso do leitor à introspecção da personagem” (Vieira, 2013, p. 60). Ela “insere as descrições no âmbito da diegese e da visão de mundo de Des Esseintes, pois os quadros são descritos a partir do olhar do protagonista” (*ibidem*), conforme percebido nos excertos a seguir:

Ele havia mandado atapeitar de vermelho vivo o toucador e pendurar a todos os tabiques da peça, em molduras de ébano, estampas de Jan Luyken, um velho gravador da Holanda, quase desconhecido em França. Possuía, desse artista extravagante e lúgubre, veemente e feroz, a série das suas *Perseguições Religiosas*, espantosas lâminas contendo todos os suplícios que a demência das religiões inventou, lâminas onde bramiam o espetáculo dos sofrimentos humanos, corpos crestados sobre braseiros, crânios com calotas decepadas por sabres, trepanados por pregos, entalhados por serras, intestinos arrancados do ventre e enrolados em bobinas, unhas lentamente extraídas com tenazes, pupilas vazadas, pálpebras reviradas por agulhões, membros desconjuntados, quebrados com cuidado, os ossos postos a descoberto, demoradamente raspados a faca (HUYSMANS, 1987, p. 91).



Figura 1: Queima de muitos cristãos chamados publicanos, França e Inglaterra, 1182
Fonte: Perseguições Religiosas, por Jan Luyken

Tais obras repletas de abomináveis fantasias, rescendendo a queimado, transpirando sangue, saturadas de gritos de horror e de anátemas, punham arrepios na pele de des Esseintes, a quem mantinham sufocado naquele gabinete rubro. Mas, para além dos arrepios que provocam, para além outrossim do terrível talento desse homem, da extraordinária vida que lhe animava os personagens, descobriam-se, nos seus surpreendentes pululamentos de turbas, nas suas vagas de gente fixadas com uma destreza de buril que lembrava a de Callot, mas com um vigor que esse rabiscador jamais teve, curiosas reconstituições de meios e de épocas, a arquitetura, os costumes, as vestimentas no tempo dos Macabeus; em Roma, à época das perseguições de cristãos; em Espanha, sob o reinado da Inquisição; em França, na Idade Média e na época dos São-Bartolomeus e das Dragonnades²- eram observadas com meticoloso cuidado, anotadas com ciência extremada (HUYSMANS, 1987, p. 91).

² Perseguições movidas por Luís XIV contra os protestantes (N.T.).



Figura 2: Perseguição pelos imperadores Diocleciano e Maximus, 301 d.C.
Fonte: Perseguições Religiosas, por Jan Luyken

As duas gravuras, de Jan Luyken, demonstram a consonância da obra de Luyken com a descrição pictural em *As avessas*. Na obra do desenhista, percebe-se o terror espalhado por toda a gravura. As múltiplas formas de execução utilizadas pelos carrascos e o semblante de prazer que os motiva a aplicar as penas parecem suscitados por uma espécie de sadismo. Na cena descrita em *As avessas*, observa-se uma sucessão de torturas atrozes que visam evocar no leitor a mesma percepção de suplício experienciada ao apreciar a gravura. Na obra literária, apenas dois parágrafos pequenos são capazes de sensibilizar a mente criando um quadro imagético de dor e morte.

A transposição de arte, segundo Leo H. Hoek, consiste na passagem de um modo de expressão estético a outro (Hoek, 2006, p. 167). Huysmans descreve a obra pictórica de Luyken, mas essa descrição atinge uma abrangência muito maior que o simples relato de detalhes sobre a obra. Ao transpor as gravuras para a escrita, ou seja, *eckfrasis*, o texto de *As avessas* procura expressar “verbalmente as mesmas emoções provocadas através da obra de arte”, e como resultado, busca-se “a suplementação de obra de arte visual pela obra de arte literária” (Hoek, 2006, p. 172). Huysmans desejava “realizar quadros com a pena” (Jurt, 2003, p. 93), o que pode ser observado quando ele declara a Marcel Batillat: “[a]cho que as transposições de uma arte para

a outra são possíveis [...], acho que a pena pode lutar com o pincel, e até fazer melhor, e também acho que estas tentativas enriqueceram a literatura atual” (Jurt, 2003, p. 93). Conforme Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina:

A transposição das estampas de Luyken potencializa o trabalho do escritor, no qual podemos ver que o estilo sobrepujou a fidelidade da descrição. Porém, enquanto no primeiro *boudoir*³ a descrição forma a meu ver um quadro, no segundo⁴, não vejo que a descrição de quadros existentes caracterize uma descrição pictural. Na série de gravuras de Luyken não paramos o olhar sobre um quadro ou outro, mas sobre os catálogos de corpos em pedaços ou de pedaços de corpos (crânio, intestinos, unhas, pupilas, pálpebras, membros), suplicados em harmonia com a descrição enumerativa e rítmica. Vemos então que, o fato de transpor quadros existentes nem sempre assegura a picturalidade da descrição (CATHARINA, 2001, p. 153).

Pedro Paulo G. F. Catharina (2001), ainda afirma que a descrição pictural dar-se-á quando as obras de Gustave Moreau, *Salomé* e *L'Apparition*, são transpostas. Diferentemente da leitura de Catharina, outra leitura sobre as estampas de Luyken, em *Às avessas*, é possível. Percebe-se que na enumeração descritiva dos “corpos”, há um jogo metonímico a fim de criar no leitor um efeito imagético tão caótico quanto o que a visualização da gravura ocasionara no protagonista. Dessa forma, assegura-se a picturalidade da descrição em *Às avessas*.

Outra consideração a respeito da transposição de arte na obra de Huysmans é a concepção de “sucessividade”, proposta por Leo H. Hoek (2006). A obra pictórica de Jan Luyken foi concebida anteriormente ao texto *Às avessas*, ao referenciá-la Huysmans parece cumprir com o efeito “historicista” que pretendia em seu romance. No concernente à transposição de arte, Hoek afirma que a descrição de uma obra de arte no interior de um texto tem uma função narrativa. Em *Às avessas*, é possível identificar duas funções: a “função psicológica” e a “função estrutural” (Hoek, 2006, p. 176). A função psicológica procura “caracterizar os personagens a partir de suas reações à arte” (*ibidem*). O interesse de Des Esseintes em obras “fantásticas antecipadoramente surrealista” (Paes, 1987, p. 13), apontam para a necessidade da emersão do inconsciente da personagem. O protagonista possuía profundas perturbações mentais e a experiência subjetiva que a arte propiciava-lhe projetava para a sua consciência os seus conflitos interiores recônditos. O interesse que a fé cristã despertava em Des Esseintes, com suas dicotomias bem/mal, fé/descrença, real/irreal, prazer/dor *etc.*, era facilmente observado nas gravuras de Jan Luyken.

³ Pedro Paulo G. F. Catharina refere-se ao *boudoir* rosa citado no primeiro capítulo de *Às avessas*, traduzido por José Paulo Paes como toucador.

⁴ Catharina reporta-se ao *boudoir* (toucador) vermelho da passagem transcrita neste artigo de *Às avessas*.

A segunda função da descrição da obra de arte no interior do texto de Huysmans é a função estrutural, “que projeta a estrutura pictural sobre a obra literária: ‘o tema pictural se apresenta, então, como a *mise en abyme* do tema ficcional’” (Hoek, 2006, p. 176). Dentro desse encaixe narrativo em *As avessas*, observa-se a transposição de arte das gravuras de Luyken, e ainda uma crítica comparativa entre Jan Luyken e outro gravurista, Jacques Callot, um desenhista francês, que vivera entre 1592 e 1635. O narrador de *As avessas* afirma que as obras de Luyken são melhores que as de Callot, embora se assemelhem. Esse narrador onisciente considera que Luyken possui o vigor que Callot jamais tivera. A seguir, verifica-se uma obra de Jacques Callot:



Figura 3: *Luxuria*, de Jacques Callot
Fonte: 7Seven

Jacques Callot é chamado pejorativamente de “rabiscador” pelo narrador, possivelmente porque esse gravurista reproduzia paisagens em linhas e era conhecido por suas figuras rápidas a giz. Callot era muito popular, sua obra era composta de: “representações das misérias da guerra, cenas da bíblia, paisagens, vistas de cidades, festas, feiras, retratos de nobres, mendigos, ciganos, teatro, ballet, personagens da comédia da arte italiana e do inferno” (Rizo, 2013, p. 22). Possivelmente a popularidade do desenhista não agradava o gosto elitista de Des Esseintes. Conforme a gravura acima, Callot desenhou um pequeno “demônio voador com asas de

morcego lembrando os demônios góticos de Bosch” (*ibidem*), o pecado capital da luxúria é representado por uma mulher seminua, desenhada em “tons escuros distribuídos no primeiro plano da gravura formando uma moldura de sombras” (*ibidem*).

Em *Às avessas* não é somente a obra de Luyken que é mencionada, conforme observado anteriormente, a uma descrição da história do gravurista holandês. Huysmans levou a sério o projeto de criar um romance transgressor. Ele inseriu arte, ciência e história como desejava inicialmente, o excerto a seguir auxilia na constatação dessa afirmação:

Essas estampas eram verdadeiras minas de informações; podia-se contemplá-las horas a fio sem cansar; profundamente sugestivas de reflexões, ajudavam amiúde des Esseintes a passar os dias rebeldes a livros.

A vida de Luyken constituía, para ele, um atrativo a mais; explicava, de resto, o caráter alucinatório da sua obra. Calvinista fervoroso, sectário empedernido, transtornado por cânticos e preces, compunha ele poesias religiosas, que ilustrava, parafraseava os salmos em verso, abismava-se na leitura da Bíblia de onde saía extasiado, desvairado, o cérebro obsesso por temas sanguinolentos, a boca torcida pelas maldições da reforma, por seus cantos de terror e de cólera. Com isso, desprezava o mundo, abandonava seus bens aos pobres, vivia de um pedaço de pão; acabou embarcando, em companhia de uma velha criada a quem fanatizara, e velejava ao acaso, onde abordasse o seu barco, pregando o Evangelho em toda parte, procurando não mais comer, tornando-se quase um demente, quase um selvagem (HUYSMANS, 1987, p. 92-93).

Segundo o trecho transcrito pode-se perceber como Huysmans descreve a vida do gravurista, enfatizando sua religiosidade, sua forma de viver após a conversão religiosa e entrelaça a vida e obra de Luyken. Pedro Paulo G. F. Catharina, ao escrever sobre a transposição de arte na obra *Às avessas*, baseia sua pesquisa nas concepções de Liliane Louvel, em seu artigo *La description “picturale”*, de 1997. Para Louvel, a descrição será pictórica quando contém alguns “marcadores” de picturalidade. Na obra *Às avessas*, encontram-se esses marcadores apontados pela autora, tais como dêiticos, *mise en abyme*, uma personagem *voyeur*, modalização, tempos verbais, léxico especializado e, principalmente, “a presença de **temas ligados à religiosidade, à mitologia, à história**, etc., característicos de um tipo de pintura” (Catharina, 2001, p. 144-145, grifo do autor). Conforme observado no fragmento supracitado, *Às avessas* apresenta entre diversos marcadores picturais a ligação com as temáticas histórica e religiosa. Assim, a obra de Huysmans converge as duas proposições, remontando à história de Jan Luyken e a do cristianismo.

Jan Luyken nasceu em Amsterdam em 1649 e foi um grande pintor, gravurista e poeta. Ele estudou pintura com Martinus Saeghmolen, posteriormente teve uma profunda experiência religiosa e converteu-se para fé menonita e ilustrou o livro religioso *Martyrs Mirror* (1675), de

Thieleman Jansz van Braght com 104 gravuras de cobre. Já no século XVII ele publicou *Het Menselyk Bedryf* (1694) que contém numerosas gravuras sobre os mais diversos ofícios. A história de Jan Luyken pode ser encontrada na introdução, escrita por Peter Hoever, do livro sobre o cristianismo primitivo intitulado *A fé pela qual vale morrer* (2007), de Dallas Witmer, uma espécie de compilação da obra de Thieleman Jansz van Braght:

Além disso, devemos os nossos agradecimentos a um caráter histórico bem raro: Jan Luyken. Este jovem rebelde vivia entre os menonitas dos Países Baixos no tempo de van Braght. Quando seu pai morreu, deixou a Jan uma herança que este usou para estudar num estúdio de um artista e pintor famoso. [...] Embriagava-se e ia aos bailes. Escreveu cantos sensuais para as cantinas de Amsterdã. Uma coleção de seus cantos foi publicada em 1671. Então, já famoso no mundo como artista e cantor, Jan se converteu em 1673, na idade de 24 anos. [...] Foi batizado na igreja menonita de Amsterdã, e usou o resto de seu dinheiro para comprar e destruir todos os exemplares que pôde de seu mau livro. Jan tornou-se um cristão muito sincero e começou a usar os seus talentos para o Senhor. Em 1685 gravou, em placas de cobre, 104 desenhos para a segunda edição do grande livro de Thieleman Jansz van Braght. A partir destas placas um publicador neerlandês fez um livro... uma coleção dos desenhos de Jan Luyken. [...] Depois de 300 anos, quem sabe quantas guerras, e a grandes inundações dos Países Baixos em 1953, o livro estava ainda em boas condições. O irmão Hoover o comprou e agora está na sua biblioteca, a Muddy Creek Farm Library, em Lancaster County, Pensilvania, E.U.A. Desta cópia original, um fototécnico, Park E. Duing, reproduziu os desenhos históricos que usamos em *A fé pela qual vale morrer* (HOEVER, 2007, p. 4).

O interesse de Des Esseintes pela religiosidade, segundo Paes (1987, p. 15), observa-se em manifestações “de uma beatitude longínqua”, ou “religiosidade ainda que incerta” (*ibidem*), encobre-se no descontentamento com o mundo, ocultado, também, por um esteticismo exacerbado,

[...] um fenômeno apontado por David Daiches como típicos de certos artistas ingleses dos fins do século XIX [...] que se voltaram para a Igreja menos por força de “uma crença na teologia católica que de um desejo de achar sanção para suas emoções não-burguesas, as quais os conduziram à religião (PAES, 1987, p. 15).

Jan Luyken pode ser considerado como o *alter ego* de Jean Floressas des Esseintes. Ambos desprezavam o mundo, mas um refugiava-se na abundância, enquanto o outro na escassez. Luyken era um artista, Des Esseintes era um esteta. Des Esseintes era cético, Luyken era um cristão piedoso (segundo *A fé pela qual vale morrer* (2007), Luyken era menonita, não calvinista, como mencionado em *Às avessas*). Há uma simetria até mesmo em seus nomes, Jan possivelmente é uma variante holandesa para Johan (João), assim como Jean é a variante francesa

para João (Nome.me, 2014, *online*; Significado..., s/d, *online*). A obra da arte de Jacques Callot pode auxiliar na representação mimética do protagonista Des Esseintes e de Luyken:



Figura 4: *Superbia*, de Jacques Callot
Fonte: 7Seven



Figura 5: *Avaritia*, de Jacques Callot
Fonte: 7Seven

Des Esseintes é orgulhoso, suas excentricidades beiram a loucura, o que pode ser associado à gravura de Jacques Callot do pecado capital soberba, ou orgulho. Nesta gravura a soberba é representada por uma mulher opulenta, e o animal que a acompanha é o pavão (símbolo da vaidade, e da presunção). Já Luyken, com seu estilo de vida austero, beirando a miséria, evoca a avareza representada por Callot através de uma velha muito magra, com a expressão severa acompanhada de um gato esquelético. Embora as gravuras sejam diferentes entre si, assim como a personagem de Huysmans e Luyken, ambas possuem um demônio sobrevoando suas cabeças, como que a guiar-lhes o pensamento e a direção. Tanto Des Esseintes, quanto Luyken, de formas distintas, procuravam fugir de seus demônios interiores.

Às avessas, como seu próprio nome indica, opõe-se a todas as normas e padrões literários naturalistas. Com apenas uma personagem, a obra apresenta um mundo ficcional rico esteticamente e psicologicamente. Ela possibilita diversos diálogos dentro do campo artístico e literário. Huysmans realizou seu intento, escreveu sobre música, literatura, história, religião, pintou

quadros com sua pena, e subverteu a literatura que vinha sendo feita na época, na França (contrapondo-se à escola de Zola).

A transposição de arte que ocorre na narrativa auxilia na compreensão da personagem, enfatizando o caráter neurótico de Des Esseintes. Ela amplia as discussões das diversas áreas de abrangência citadas no romance. *Às avessas* não foi somente o germe para os romances posteriores de Huysmans, nem apenas o início de sua conversão ao catolicismo (Huysmans, 1903, p. 261), ele representou o início de um novo tipo de narrativa, que encontra eco em James Joyce, Marcel Proust e Oscar Wilde, entre outros.

Referências

- CALLOT, Jacques. Gravuras antigas que ilustram os sete pecados (anacrônica). *7Pecados*. 2011. Disponível em: <<http://grupo01essm2010.wordpress.com/2011/02/15/gravuras-antigas-que-ilustram-os-sete-pecados-anacronica/>>. Acesso em: junho 2015.
- CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Descrição e descrição pictural em *À rebours*, romance de Joris-Karl Huysmans. *Caligrama*. Belo Horizonte, v. 6, p. 141-155, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/348/299>>. Acesso em: junho 2015.
- ECO, Umberto. A religião da beleza. In: _____. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 328-359.
- HOEK, Leo H. A transposição intersemiótica: por uma classificação pragmática. Trad. Márcia Arbex e Fernando Sabino. In: ARBEX, Márcia (Org.). *Poética do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG, 2006. p. 167-189.
- HOEVER, Peter. Reconhecimentos. In: WITMER, Dallas. *A fé pela qual vale morrer* [online]. 2007. Disponível em: <http://www.elcristianismoprimitivo.com/a_fe_pela_qual_vale_morrer.pdf>. Acesso em: junho 2015.
- HUYSMANS, Joris. Karl. *Às avessas*. Trad. e estudo crítico de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Against the Grain. (A Rebour)*. Trad. de John Howard. The Project Gutenberg Ebook. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/12341/12341-h/12341-h.htm>>. Acesso em: outubro 2015
- JAN in Nome.me. 2014. Disponível em: <<http://www.nome.me/pt/origem-uso-e-significado-nome/jan-2.html>>. Acesso em: junho 2015.
- JEAN in SIGNIFICADO DOS NOMES. Disponível em: <<http://www.significado.origem.nom.br/nomes/jean.htm>>. Acesso em: junho 2015.
- JURT, Joseph. Campo literário e campo artístico na França (1880-1900). Trad. André Soares Vieira. *Terceira margem do rio: literatura & outras artes*. Rio de Janeiro (UFRJ), n. 8, 2003. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/index_terceira_margem.htm>. Acesso em: junho 2015.

LUYKEN, Jan. *Perseguições Religiosas*. Disponível em: <<http://cargocollective.com/Kunstkabinett/Religious-Persecutions-by-Jan-Luyken>>. Acesso em: junho 2015.

MORETTO, Fulvia M. L. (Org.). *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

PAES, José Paulo. Huysmans ou a nevrose do novo. In: _____. *As avessas*. Trad. e estudo crítico de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 5-28.

RIZO, Sérgio. O inferno na arte: a paisagem. *Revista de estética e semiótica*. Brasília, v. 3, n. 2, p. 01-38, jul/dez. 2013.

VIEIRA, André Soares. "Huysmans e Gonzaga Duque transposição de arte em textos franceses e brasileiros do Simbolismo". *Aletria*. Belo Horizonte (UFMG). v. 23, n. 3, p. 59-72, 2013. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/4800>>. Acesso em: junho 2015.

Elenara Walter Quinhones

Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduação em Letras/Português e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente bolsista CAPES.

Anselmo Peres Alós

Graduação em Letras (2002) e Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É Líder do Grupo de Pesquisa "Trânsitos teóricos e deslocamentos epistêmicos: feminismos, estudos de gênero e teoria queer". Autor do livro *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano* (Editora Mulheres, 2013)

Recebido em 25 de fevereiro de 2015.

Aceito em 30 de abril de 2015.